



*José Régio*

OBRA COMPLETA

# A VELHA CASA

## IV

VIDAS SÃO VIDAS

IMPRENSA NACIONAL-CASA DA MOEDA

*José Régio*

# A VELHA CASA

## IV

### VIDAS SÃO VIDAS

Nota introdutória aos inéditos de ISABEL CADETE NOVAIS

Posfácio de EUGÉNIO LISBOA

IMPRENSA NACIONAL-CASA DA MOEDA

LISBOA

2003

# A VELHA CASA

**V**

**VIDAS SÃO VIDAS**

*A VELHA CASA — V — VIDAS SÃO VIDAS*

*1.ª edição:* Portugália Editora, Lisboa, 1966.

*2.ª edição, aumentada com os rascunhos para o 6.º volume:* Brasília Editora, Porto, 1973.

*3.ª edição:* Brasília Editora, Porto, 1985.

*4.ª edição:* Círculo de Leitores, Lisboa, 1993.

*5.ª edição:* a actual.

## I

A convalescença de Pedro foi demorada. Chegara com os dois pulmões afectados. Os novos medicamentos que para o seu caso então se experimentavam, ainda não haviam provado suficientemente. Pelo menos, no entender do Dr. Laje. O Dr. Laje não era inclinado a novidades. Há tanto ano em Azurara, se em vários aspectos da sua personalidade sempre soubera defender uma quase feroz independência, pouco a pouco, e subtilmente, se deixara penetrar noutros de esse pendor provinciano para em tudo «*ir pelo seguro*». Decerto o achariam atrasado, contaminado de espírito rotineiro, os jovens médicos da capital. Acabavam de se especializar *lá fora*, ou, pelo menos, assinavam as mais modernas revistas da especialidade. Decerto o achariam atrasado, e alguma razão teriam. O que, porém, salvava o Dr. Laje, era não só a sua longa experiência, tão inteligentemente aproveitada, como o seu imperturbável bom senso. O repouso, a boa alimentação, a despreocupação, os ares puros, alguns fortificantes, — eis no que principalmente esperava o nosso Dr. Laje para a cura de Pedro. «*Com a ajuda de Deus*» dizia Angelina «*há-de se curar.*» E o Dr. Laje: «*Com a ajuda da Madre Natureza!*»

De facto, na sua própria natureza parecia estar a melhor defesa de Pedro. Admirava o Dr. Laje como pudera um homem de tão robusta constituição, na força da vida, ter chegado ao miserável estado em que o trouxera Lelito. Entre os dois — Pedro e o Dr. Laje — se estabelecera quase desde logo aquela corrente afecti-

va que pode ser profunda, quando recíproca, entre um doente e o seu médico. Muito naturalmente, pois, se fora Pedro confiando ao seu novo amigo. Embora por episódios e fragmentos, aos poucos lhe dera conta de toda a sua vida.

Uma breve infância familiar logo perturbada; aqueles belos anos do colégio — para ele belos anos! — em que fora o mais amado e singular dos *chefes*, e eis os tempos felizes da vida de Pedro. Não tardara que a roda da Fortuna desandasse. A Morte e a Falência lhe vieram bater cedo à porta. O pai morreu novo, deixando a mulher e o filho desamparados. Dera-lhes uma vida fácil; mas nunca esperara morrer tão cedo, nem era homem para se preocupar demasiado com o futuro. Bem jovem, pois, se vira Pedro com o sustento da mãe a seu cargo, sem poder levar para diante os estudos iniciados. Não tinha aquele feitio calculista, ambicioso, acomodaticio e ao mesmo tempo empreendedor, que a certos indivíduos eleva do nada à riqueza, à celebridade ou popularidade, às superiores camadas sociais e mundanas. Se julgara poder conquistar com relativa facilidade uma certa mediania decente, (e bem mais alto voavam os seus primeiros sonhos!) breve se desenganou; como já desses primeiros sonhos se desenganara. Para explicador de estudantes, que foi o que primeiro tentou, estava mal preparado. Nunca chegara ele próprio a ser bom estudante. Numa vida de contínuas aflições prementes, impossível preparar-se agora melhor. Raros explicandos lhe apareciam. Os que lhe apareciam, eram geralmente dos que mal podem pagar. Os que pagavam, conseguidos por intermédio de antigos amigos categorizados, não demoravam muito a ver que lhes não seria difícil, pelo mesmo dinheiro, arranjar explicador mais competente. Baixara os preços; mas baixar os preços é depreciar a mercadoria. Conhecera várias formas de ser despedido. Já às primeiras palavras falsamente amáveis, mais ou menos constrangidas, acompanhadas de sorrisos amarelos e às vezes uma familiar pancadinha no ombro, no braço, — compreendia que da mais vulgar maneira estavam dispensando os seus bons serviços.

Também no jornalismo falhara. Ah, bem Pedro sabia que poderia dar um cronista original, um cintilante repórter! Com a

sua fantasia, a sua vivacidade, o seu *faro*, o seu poder de observação (que passaria a cultivar), não iria longe? Mas ficara perto. Para se revelar e vencer — e para vencer não teria senão que se revelar — faltaram-lhe as necessárias oportunidades. Talvez, também, a persistência que muitas vezes acaba por se impor. Dificílima, aliás, tal persistência a quem vive sob a preocupação angustiosa da renda do cubículo, do pão de cada amanhã, dos remédios duma pobre mulher precocemente envelhecida, já condenada. Além de tudo isto, redigia penosamente. Falando naturalmente bem, e até com invenção e brilho, sentia-se emperrado e tímido quando se punha a escrever. Teria de se apurar, de se treinar..., que vagar havia para treinos? Quando havia, era pior: estava desempregado. E então lhe faltava paciência e disposição de espírito.

Demais, Pedro Sarapintado era por natureza inquieto, melindroso, volúvel. Qualquer afinidade tinha o seu temperamento com o dos artistas e boémios. Natural, pois, que se lembrasse dos seus talentos de actor, já revelados no colégio. Aos seus talentos de actor chegara também a recorrer. Que papéis conseguira? Os proventos que de aí lhe advinham — não lhe permitiriam esperar a hora da vitória. Não há dúvida, a urgência quotidiana de dinheiro é um grande embaraço para quem mal o ganha. Um círculo vicioso anda aqui subentendido, dentro do qual todo o movimento do indivíduo apanhado se reduz a rotação. Actividade, não faltava a Pedro. Seria bem orientada? Teria ele uma habilidade correspondente aos seus talentos? E alguma vez o tornara a favorecer a caprichosa Fortuna, alguma vez se arrependera de lhe ter voltado costas? Auxílio da parte dos camaradas, se tivera a ingenuidade de o esperar, logo se desiludira: Todos os actores operam juntos no teatro, e se dão a mão no palco; mas o que há entre esses pobres seres vaidosos, ciumentos, atormentados, cabotinos e ansiosos de publicidade, é uma luta mesquinamente feroz. Isto foi, pelo menos, o que pareceu a Pedro... e sem ter ele a sorte de encontrar uma das inevitáveis excepções. «Tem de haver excepções!» pensava. Mas os que haviam atingido os primeiros postos ou planos — nem davam pela sua presença perto. Também esses não mereciam aos camaradas nem amor, nem respeito, nem

admiração verdadeira; todavia, como poderosos, eram adulados e temidos, — só anavalhados pelas costas, em sigilo. Os outros..., móveis da água-furtada! não passavam de números; saía um número ou chegava outro número. Geralmente se aborreciam entre si, como os pobres aos pobres ou os viciosos e tarados aos que sofrem dos mesmos vícios e taras. Qual o indivíduo torto que gosta de espelhos? Estas eram as impressões pessimistas de Pedro ao abandonar o teatro, decerto sem o ter conhecido senão pelos aspectos mais contundentes. Reconhecera que só demasiado tarde poderia, talvez, ganhar a vida nesse estranho mundo.

Subserviências morais, ainda não chegara a aceitá-las. Mas já não era descer, para um dos antigos Chefes do Recreio dos Maiores do Colégio Familiar, dirigir-se com falsa humildade a antigos companheiros de então? importunar velhos conhecimentos da família em dias prósperos? Pedro Sarapintado descera. Tirara o boné para falar a indivíduos que chegara a tratar por tu. E os que dantes o tratavam por tu — tratavam-no agora por você. Os que o não conheciam, tratavam-no por tu.

Ora quem não sabe que os protectores se impacientam com o seu papel? que os esmoleres se cansam do pobre demasiado assíduo à sua porta? que a Caridade tem as asas curtas, e as sente pesadas quando se lhe tornam obrigação? Pedro experimentou como se perde primeiro a simpatia, depois a benevolência, depois a condescendência, depois a tolerância, depois qualquer estima, depois todo o respeito, depois até a mais elementar e fingida cortesia da parte dos vulgares protectores. Breve lhes parece legítimo — até moral — abandonar ao seu fado um impertinente protegido; e como é natural, começam por acusá-lo. Não obstante os esforços de Pedro para se abaixar ao seu actual nível, (e quando já o supunha ter conseguido) quase sempre seus benfeitores ou patrões o achavam demasiado «*senhor do seu nariz*». Errariam por completo? Apesar de tudo, não se lembraria ele de haver sido um *Chefe*? Quase todos os excelentes burgueses bem instalados, comerciantes de crédito, altos ou até médios funcionários do Estado, profissionais de brilhante carreira, etc., — antigos amigos de seu pai, pais de seus ex-condiscípulos, às vezes já os pró-

prios seus ex-condiscípulos — o tinham por poeta e fantasista. Boa gente, alguns deles; mas que, sem nada conhecerem da sua vida, se indignavam com o seu parasitismo.

Em tal situação, quase lhe fora uma feliz ocorrência a morte da mãe. Pedro Sarapintado, que era um filho normal, até um bom filho, nem pudera lamentar o que todos os filhos normais tanto lamentam! Mas não tendo a mãe a seu lado, mesmo inválida, achou-se inteiramente só naquela bela cidade indiferente ou hostil; só no mundo, afinal; ou, como perdera toda a fé religiosa, (ou a julgara ter perdido) só no universo. O que significa isto de pavoroso, pôde ele sabê-lo. Sem contas a dar senão a si mesmo, desceu mais uns degraus. No fim e ao cabo, fazia-lhe falta o estímulo de alguém a quem manter! Então compreendeu o que representava para ele a morte da mãe, e curtiu saudades pungentes da pobre companhia que ela lhe fora. O desespero frio ia-se apoderando de ele sob a forma do hábito. Já, no geral, de qualquer modo aceitava a sua situação. Começou a sentir-se coisa pouca.

Repellido, por dificuldades de pagamento, dos quartos em pensões para gente pobre ou em sinistras casas particulares, conheceu as alcovas interiores comuns-de-dois, com sócios de acaso; os albergues nocturnos; até as dormidas em bancos de jardins, sob os portais, debaixo dos alpendres, em qualquer esconderijo que oferecesse qualquer abrigo. Claro que nem aí podia descansar, quando surpreendido: Não são lugares onde se passe a noite. Às vezes, pela madrugada, se acolhia à Estação, e adormecia a um canto fingindo esperar o primeiro comboio.

Com as suas sardas, os seus olhos quase infantis, a sua cabeleira em chamas, o seu grande corpo robusto só desajeitado de movimentos (e agora porco), dava nas vistas às mulheres e parecia não lhes desagradar. Como ainda eram elas que, por momentos ou dias, lhe propiciavam certa ilusão de companhia, com algumas repartia os seus *ganhos* nas épocas relativamente prósperas. Mulheres do fado, naturalmente. Mas percebera que até às do vício elegante e oculto poderia agradar. Chegou a receber propostas mais ou menos directas; a correr uma ou outra aventura que, na sua

posição, nunca julgara vir a correr. Não querendo permitir que fossem elas a pagar-lhe, (e algumas lhe insinuavam não lhes parecer isso muito estranho) dispensou as mulheres nos tempos mais difíceis. Ou então saciava o impulso bruto sem a mínima escolha, nas eventualidades do vício que se paga com satisfazer-se, e que é de todas as classes. Assim reconheceu a solidariedade da miséria material com a moral ou fisiológica.

Das profissões *decentes* passara à caixa da graxa, à guarda de automóveis ricos, à mudança de móveis, à revenda de bilhetes de futebol ou cinema, ao transporte de malas, à colagem de cartazes, à distribuição de reclames, ao maço de lotarias. Entretanto serviu de modelo numa aula de desenho, e esse ainda foi dos seus melhores períodos. Habitou-se a andar com o boné sebento na mão, e a solicitar os fatos que antigos condiscípulos punham de parte. Habitou-se, mas não se habituava de todo. Os antigos condiscípulos que o favoreciam já lhe não estendiam a mão. Estendiam-na a indivíduos indignos, — que lhes não pediam esmola. Ele agradecia-lhes os favores, procurava disfarçar a humilhação com algum dos seus ditos excêntricos, e, às vezes, tinha vontade de lhes cuspir na cara. Aprendeu a ingratidão pela obrigação, que lhe impunham, de se mostrar grato. O espírito dos seus ditos excêntricos descambava para o amargo. Já, por vezes, esses ditos deixavam pouco divertidos os seus benfeitores. Cada vez poderia contar menos com eles. «*Ainda se julga o Pedro do colégio!*» Pela força das circunstâncias, as obras do acaso, ou a necessidade de confraternização, ia tendo relações com gentes muito diversas. A par dos falhados superiores, utopistas vencidos, miseráveis pitorescos e artistas indigentes (dos que expõem quadros nos passeios ou os rifam, exibem palhaçadas nas feiras, fazem, nos cafés, caricaturas de desconhecidos, andam pelas festas com a tenda do *D. Bibi*) conhecera e conhecia não só aqueles que vivem à margem da lei sendo, no fundo, homens como os outros, — mas também tarados perigosos, indivíduos simplesmente sem qualquer moral, malandrins e malandrões do mais baixo estofado. A alguns destes ouviu gabarem-se de boas relações com gentes de nível social muito acima. Por experiência ou observação ficou sabendo

como há de tudo — tudo que há nas outras capitais europeias ou nos romances policiais — nessa pacata Lisboa em que nada parece acontecer senão revoluçõezinhas familiares. E quem pensa que só pelas valetas de Alfama, do Bairro Alto, da Mouraria, escorre essa escória humana? Os que olham de baixo, entram pelas escadas de serviço, e espiam os seus semelhantes por a vadiagem lhes dar ocasião, é que vêem como pode essa escória aconchegar-se — lavando-se, perfumando-se, vestindo bem — nas casas e ruas da mais vulgar boa aparência.

Tais relações comprometeram Pedro Sarapintado a ponto de se ver envolvido em negócios escuros. Uma vez fora suspeito de carteirista. Custara-lhe a justificar-se. Afinal o carteirista era um seu conhecido recente, com quem passara a acompanhar por lhe parecer homem de verdadeiro interesse, e em quem nem sonhava tais *habilidades*. Outra vez fora acusado de cumplicidade num assalto a uma ourivesaria. Se os próprios culpados não houvessem testemunhado a sua inocência, talvez não tivesse escapado. «*Andaste com sorte!*» disseram-lhe. Não estranhavam muito que fosse condenado mesmo inocente.

Nesta decadência progressiva, gozou períodos de relativa prosperidade. Muito relativa: Pouco a pouco viera renunciando a todas as suas antigas exigências de conforto, higiene, cultura. Satisfazendo-se cada vez com menos, já lhe era muito mais fácil aceitar situações que dantes acharia inaceitáveis. Para quem dormiu de baixo dum portal, qualquer tecto é um luxo. As suas prosperidades testemunhavam a sua degradação. Nos momentos em que ainda vinha à tona o antigo Pedro, pensava que toda a sua triste odisseia não podia passar de qualquer coisa como um sonho sinistro, um pesadelo efêmero. Ter-se-ia dado o que se dera? continuaria a dar-se? Porquê, se a vida tinha tantas coisas belas, e tantos as desfrutavam? Como quem atravessa a pé um túnel após um comboio que foge (com luzes dentro, gente que parte para viagens, ou regressa a lares confortáveis e queridos), um momento agitara os braços no ar lóbrego, sufocando sob os rolos de fumo, e atirara um berro cujo eco debalde repercutira nas abóbadas viscosas. Como quem delira de febre numa noite de invernia,

confundindo com a tempestade exterior os seus próprios delírios, um certo lapso de tempo lutara com horríveis miragens que se interpenetravam ou substituíam. Mas o túnel abria o boqueirão para campos lavrados, moitas verdes, jardins tranquilos, hortas solheiras. A noite aflitiva teria uma alvorada. Acaso poderia ser definitivo para ele, Pedro Sarapintado, ex-Chefe do Recreio dos Maiores do Colégio Familiar, aquele negrume que já por de mais se arrastava? Perguntava-lhe a consciência se o não era para outros; se não nascem, vivem, morrem outros naquela escuridão e naquela imundície. Secretamente respondia Pedro (secretamente, porque teria medo e vergonha de o pensar alto) secretamente respondia Pedro que ele não era *outros*. Ainda, nessas revivescências da sua antiga imaginação optimista, voltava Pedro a crer na sua estrela, e sonhava magníficas desforras. Breve se lhe impunha a realidade; e então voltava ele à sua estúpida conformação desesperada. Pois quem era, afinal, para se julgar privilegiado, excepçional, — quem ou o que era senão coisa bem pouca, bem pouca...?

Por fim, a doença. Nas lotarias achara ainda o seu negócio mais seguro. Mudara de nome, e lá conseguira estabilizar-se um pouco nesse negócio. Era um mister em que, por vezes, podia expandir a sua natural inventiva de linguagem. Assim Pedro Sarapintado — Pedro da Conceição Martins Correia no bilhete de identidade — se transformara no André das Cautelas. E fora quando o abatera a doença longo tempo incubada. Já Pedro Sarapintado, ou André das Cautelas, definitivamente se estava convencendo de que a sua estrela era privilegiada mas no infortúnio. Porque, no fim de contas, não singravam tantos outros onde ele sempre encalhava? Qualquer secreto defeito nele havia, pelo qual toda a sua vida soava a rachado! Mas que fizera contra a Natureza, contra as Forças Ocultas, contra os Espíritos que jogam com os homens, contra Deus ou contra o Diabo, que assim era incompreensivelmente punido? Como se comportara noutras hipotéticas vidas, — pois na actual nada fizera, nada fazia, que lhe parecesse merecer tal Perseguição? Não era simplesmente um homem imperfeito como todos, um indivíduo normal que aspirava a um pouco de felicidade? No André das Cautelas doente ressur-

gia a imaginação de Pedro Sarapintado: mas agora com sinal contrário; agora devaneando sobre perseguições extraordinárias, como outrora devaneara sobre extraordinárias protecções. Até que devagar, subtilmente, por cansaço extremo, já todas as fantasias, ilusões, invenções, mitologias de Pedro Sarapintado o iam abandonando, as de sinal optimista como as de sinal pessimista, e ele ficava só e vazio, indiferente, pronto a morrer e suportando estupidamente aquele precoce fim de vida. Fora quando o procurara Lelito no seu triste refúgio. O André das Cautelas que primeiro encontrara, já era um homem doente e amargo; mas ainda em circulação. Agora, naquele catre, só assistido pela caridade impotente duns camaradas tão pobres como ele, não passava dum moribundo cuja agonia se arrasta. E fora quando o trouxera Lelito.

Eis o que, muito fragmentariamente, confiara Pedro ao seu novo amigo. Sentindo-se convalescer, e protegido por verdadeiras dedicações, era como se, finalmente, estivesse acordando do tal pesadelo... A sua natural fantasia humorística reacendia-se, e até na evocação das suas terríveis provações Pedro a exercitava. Doutra maneira não seria escutado pelo velho médico, pois a idade o viera fazendo tão egoísta, ou comodista, que não suportava que o maçassem. Pedro divertia-o. Assim o conquistava sem dar por isso. Algumas vezes o chegava a comover, precisamente porque nunca o tentava. Ao Dr. Laje parecia aquilo uma prova de bom gosto, além duma subtil manifestação de pudor, — contar misérias como anedotas; rir de si próprio infeliz como se julgasse não merecer outra coisa. Ora na amigável tolerância com que o ouvia o Dr. Laje, adivinhara Pedro um interesse mais fundo; como na espontaneidade com que se lhe confiava Pedro, procurando, ao mesmo tempo, entretê-lo, sentira o Dr. Laje uma particular simpatia. Certa recíproca gratidão, que tinha ainda outras razões, estreitara, pois, a crescente amizade entre o médico e o seu doente.

Na velha ti Pinheiro achara Pedro uma inclinação não menos espontânea, e, claro está, muito mais expansiva. Se alguém pudera duvidar da cura de Pedro, não fora, de certeza, a ti Pinheiro! Já isso testemunhava a sua simpatia por aquele estranho,

quando, normalmente, escassa simpatia poderia inspirar qualquer estranho à ti Pinheiro. Velha, revelha, ainda com grande dificuldade podia a ti Pinheiro aceitar a simples ideia da morte daquelas a quem fora, ou era, afeiçoada. Sobretudo, por continuar ela viva! Quanto àquele «*rapazão*» de cabelos vermelhos, nem sequer chegava ti Pinheiro a crer que estivesse tísico! Sobre os tísicos, ou hécticos, lá tinha a sua imagem formada, com a qual não conseguia conciliar a de Pedro. Chupado e quebrado, sim, chegava ele, não havia dizer o contrário, decerto pelos trabalhos que passara. Agora descansaria; receberia trato bem diferente; e o senhor Dr. Laje sabia muito, era muito entendido, toda a gente o dizia até fora de Azurara! mas não estivesse com grandes apreensões e drogas, que o seu doente ainda teria forças para «*dar um bom pontapé à morte...*».

— Comigo! — prosseguia a velha criada — comigo é que *ela* se pode entender, que basta dar-me um bufo... Também não sei por que espera, que até já tenho vergonha de inda me ver por cá! Quando me lembro!... quando me lembro dos que já *Lá* estão, muito mais novos do que eu!... a bem-dizer umas crianças, tudo na Terra da Verdade...

Punha as mãos, choramingava e rezava. À medida que fora avançando em anos (e, de facto, já bastante além do corrente) algo viera perdendo a ti Pinheiro do seu antigo espírito de galhofa. Pelo contrário, de modo geral, antes mostrava agora tendência para a irresistível vocação patética da sua falecida irmã Piedade. Noutras coisas, ainda, se ia tornando mais parecida com o que fora a irmã. Por exemplo, numa espécie de bom senso excêntrico muito pessoal.

— *Um*s crianças, ti Pinheiro?! — interrogavam ironicamente alguns que a ouviam.

— *Um*s crianças, pois! Então o que era a minha senhora quando Deus a chamou?! o que era o senhor Martinho?! Já não digo a Senhora Dona Libaninha... Mas eles?! Tanto bem que ainda podiam fazer neste mundo! tanta falta que nos fizeram a todos! E esta indigna serva de Deus é que ficou... esta é que ainda por cá anda! esta pobre *proxeneta* que se fez um cangalho...

## ÍNDICE

### V

Vidas São Vidas .....	11
-----------------------	----

#### *ANEXO:*

Nota introdutória, por ISABEL CADETE NOVAIS .....	293
Rascunhos para o 6.º volume de <i>A Velha Casa</i> .....	297
Inéditos .....	371

#### *POSFÁCIO:*

Uma velha casa em Azurara, por EUGÉNIO LISBOA .....	381
--	-----